

Comentário a respeito do

Parecer do Assessor do Superintendente da FUNAI- Índio Benedito Machado

- 1- O autor do parecer nunca visitou a escola e aldeia Yawará enquanto ali trabalhamos. Nunca ouvimos ou lemos que ele tivesse estado sequer na área Waimiri/Atroari. É totalmente desconhecido de Doroti. Egydio o conhece superficialmente de uma assembléia indígena ocorrida em 1980 em Manaus.
- 2- O relatório anexo ao parecer, de autoria do Sr. Raimundo Nonato Corrêa, bem como o próprio parecer, foram feitos a posteriori (um mês após a nossa saída). Nonato, quando solicitado para receber a escola, se negou a comparecer.
- 3- O parecer se baseia nos relatórios do Coordenador do NAWA, do técnico indigenista, chefe do P.I.V. Terraplanagem, da Programadora Educacional. Os dois últimos relatórios não estão incluídos no processo. É possível que esses relatórios não tenham agradado à Superintendência ou à Presidência da Funai.
- 4- Benedito Machado fala que "o casal Schwade não se limitou ao ensino bilíngue, mas partiu para o ensino de politização de intrigas e rancores do povo Waimiri/Atroari contra o mundo da sociedade envolvente ou "branca".
 - Sabemos que a sociedade envolvente ou "branca", é constituída sobretudo de lavradores da beira da BR-174, estrada de acesso à Balbina e ribeirinhos do Rio Negro e do Rio Uatumã. Sempre temos procurado falar com a maior simpatia dessas populações para os índios e vice-versa. Isto é facilmente provado. Basta uma entrevista com a diretoria ou membros das suas organizações representativas como sindicatos, associações e comunidades eclesiais de base, para dirimir quaisquer dúvidas.
 - obviamente se o Sr. Benedito Machado considera "sociedade envolvente" a Paranapanema, a Eletronorte (Balbina) e a própria FUNAI, enquanto tutora omissa dos interesses indígenas, temos politizado os índios a respeito, não com intrigas e rancores, mas apenas procurando mostrar que eles mesmos são os melhores defensores de sua vida e de seu patrimônio, e que eles não estão sós nesse desejo de viver, mas que existem muitos "kamña" ou civilizados que reconhecem o seu direito à vida e à terra.
 - é bem possível que a consciência desses problemas que estrangulam o seu povo (PORQUE ESTE TALVEZ SEJA O ÚNICO POVO INDÍGENA DO PAÍS QUE NÃO PODE FUGIR DO CONTRÔLE QUE A FUNAI LHE IMPÔS PARA QUE NÃO COMEÇAM A LUTA E O APOIO DE OUTROS GRUPOS INDÍGENAS DO PAÍS) e só

pretudo a consciência de que nem podem contar com a FUNAI, tutora infiel, que ao invés de defendê-los advoga os interesses dos invasores, faça "doer a cabeça de líderes" que desde meninos foram enganados pela FUNAI, FUNAI que até há pouco tempo se impunha com armas, brindes e um verdadeiro batalhão de funcionários, os quais chegaram a superar, em número, os homens Waimiri/Atroari adultos. Além do mais, nós, através da nossa presença e escola, entramos em contato com a História deste povo. Até hoje a opinião pública brasileira e internacional só teve acesso a estória da FUNAI e do Governo ali. Só os nomes dos "heróis" e vítimas deste lado foram divulgados. Os Waimiri/Atroari, de acôrdo com as notícias, (cujas fontes sempre foram os assassinos), foram tachados de monstros, terroristas, os trucidadores do missionário Calleri e do seu "maior amigo", o sertanista Gilberto Pinto, ambos a serviço dos construtores da BR-174.

O povo brasileiro não foi informado por exemplo de que entre 1972 e 1975 os Waimiri/Atroari sofreram uma depopulação de 3.000 para menos de 1.000 pessoas, sem que a FUNAI ou o Govêrno, os únicos com acesso a área nesse período, informassem de que forma esse povo foi dizimado.

Acontece que apesar das dúvidas do Sr. Benedito Machado, foi mediante o nosso "método escolar bilingue", que os índios aprenderam a ler e escrever na sua língua.

Benedito Machado não conheceu e nem se interessou por conhecer o nosso método durante os 15 meses de presença escolar (apenas interrompidos para as celebrações das festas rituais dos Waimiri/Atroari). E tão logo escreveram as primeiras frases, eles começaram a nos desenhar e escrever cenas terríveis acontecidas nas suas aldeias de origem aos seus pais e parentes: fuzilamentos, bombardeios, uso de metralhadora... Coisas que eles viram, presenciaram. E no começo ou no fim frequentemente a pergunta: Apiemyeki? -Por quê? Por quê, civilizado fez isso conosco?

Em verdade, não fomos para eles representados como instrutores, professores ou monitores-treinadores, mas pessoas envolvidas com o seu desejo de viver. Eles desejam saber constantemente a razão pela qual os civilizados, os kamña, os mataram em grande quantidade.

Tivemos que confessar a êles que nós não sabíamos de tudo isso e que o próprio povo brasileiro não sabe disso. Encorajamos a escreverem tudo de que se lembravam, dizendo-lhes inclusive, que era preciso que o povo brasileiro soubesse desse sofrimento deles e que se o souber, irá colocar na prisão os seus autores. A aldeia onde moramos é formada de 31 pessoas. Os pais de todas as pessoas de mais de 10 anos, menos de duas mulheres que são irmãs, morreram nessa guerra. E a pessoa mais velha tem aproximadamente 35 anos. As crianças entre 4 e

10 anos também não tem pai nem mãe. Estes morreram de sarampo, criminosamente abandonados na beira da BR-174, pela FUNAI.

Que a "dor de cabeça" de Viana e Mário se tenha traduzido em adversidade a nós é falso. Tanto assim, que Mário -líder da vizinha aldeia do Xeri, no dia em que teria solicitado a nossa expulsão trouxe a sua filha Arbehre que se ausentara alguns dias, para voltar a frequentar nossas aulas. E Viana conversou conosco, apesar das pressões do Coordenador do MAWA, até o último momento, sem agressividade alguma. É realmente doloroso constatar que esse povo ativo -agora na sua derradeira tentativa de sobrevivência, se veja forçado a se aliar aos seus inimigos...

4. Benedito Machado afirma que os "Schwade não foram para ver, ouvir e orientar o sistema de vida dos Waimiri/Atroari, mas para impôr nova estrutura de vida. Eles não obedeciam os índios, estes é que tinham que obedecê-los".

Benedito Machado descreve exatamente aqui o que os funcionários da FUNAI vem fazendo nas aldeias Waimiri/Atroari.

Para ouvir e obedecer o índio precisa conhecer a língua desse povo. Acontece que a FUNAI está ali presente desde que foi criada e o vocabulário Waimiri/Atroari existente em todos os seus relatórios juntos, não chega, nem de longe, ao pequeno vocabulário já levantado por Barbosa Rodrigues no século passado. Mais, antes da presença do antropólogo inglês, Stephen Baynes nessa década de 80, nem a auto-denuminação dos Waimiri/Atroari, coisa mais elementar, era conhecida dos funcionários da FUNAI.

O material escolar produzido pelos Waimiri/Atroari, sob a nossa orientação e que traduz o dia-a-dia das nossas aulas, desde o início até a nossa retirada compulsória pela FUNAI, está a disposição de quantos o quiserem analisar e perscrutar em busca de qualquer tipo de "imposição", "obediência", "concorrência", ou "interferência" que tivéssemos exigido ou exercido sobre eles. No mais, a nossa atividade, afóra as aulas, se restringiu ao cuidado dos nossos 4 filhos e ao cultivo de uma horta e roça para nosso sustento, uma vez que o Superintendente da FUNAI, não cumpriu a sua promessa de nos fornecer a comida e por outro lado, a sua desastrosa orientação dos índios levou à extinção a costumeira fartura de roças, sacrificadas ao projeto de bovino-cultura, totalmente alheio e imposto à cultura daquele povo. Um autêntico "boi de Tróia". Além disso, 60% do pomar foi destruído por ordem expressa de Amâncio, também sacrificado ao boi.

Para maiores detalhes sobre a manipulação dos Waimiri/Atroari por parte dos funcionários da FUNAI leiam-se os relatórios do pesquisador Stephen Baynes de 22-09-83; 25-02-85 e de setembro/85.

5- Convidamos o Sr. Benedito Machado a aprofundar a história dos seus irmãos Waimiri/Atroari e qual foi o interesse verdadeiro que as autori-

dades da FUNAI tiveram ao levarem tantos de seus conterrâneos do Rio Negro para a área Waimiri/Atroari? Talvez isso lhe ajude a entender a triste missão que éle próprio, atualmente, executa aí na Superintendência, como pára-raio, ou amolecedor das últimas resistências que possam eventualmente vir dos povos indígenas na defesa dos seus derradeiros refúgios.

6- A afirmação de Benedito Machado que "a FUNAI bem ou mal, é Instituição Federal para atender as necessidades e objetivos da sociedade indígena", é bom que seja lida na sua verdade junto com aquela outra afirmação, logo abaixo do mesmo texto e autor, "no âmago da história, o único que continua indefeso e só, é o próprio índio". Lamentavelmente os índios Waimiri/Atroari não tem acesso ao Estatuto do Índio através dos funcionários da FUNAI, que possivelmente tão pouco o conhecem.

A Superintendência da FUNAI está de tal forma afundada num anti-indigenismo a serviço dos interesses invasores e saqueadores do patrimônio indígena que até o Estatuto do Índio e a própria Constituição se tornaram, no caso Waimiri/Atroari, "subversivos", ou "monstros perigosos".

7- Quanto à mal-formulada insinuação de que estejamos embarcados em alguma "instituição dita" filantrópica em busca de "riquezas minerais humanas, que produz muito dinheiro e muitos diplomas de Doutor", gostaríamos de encorajar o Benedito Machado a colocar de público os dados concretos que eventualmente tenha. Promova um rigoroso levantamento dos nossos bens, que acumulamos em 25 anos de serviço aos índios. Publique esses dados. Quanto aos diplomas, talvez vá se sentir muito frustrado desde logo ao saber que os temos conquistado antes de 1963, ou seja, antes de nossa entrada no indigenismo. Faça depois o mesmo com o seu chefe. Aliás, merecia, creio, uma verdadeira Comissão de Inquérito o "trem", digo, "recreio da alegria", que Sr. Amâncio criou na Superintendência, embarcando nele tio de amigos, amigos de colegas, parentes de companheiros, familiares de amigos, mulher de companheiro para não dizer a própria mulher que às custas do dinheiro do índio conquistado com meio-dia de assessoramento ao marido, vai a Universidade produzir no outro meio-dia, o seu "diploma de doutora".

O Sr. Benedito Machado apenas oculta a face do Sr. Sebastião Amâncio da Costa e do Sr. Romero Jucá, Presidente da FUNAI e porque não dizê-lo, do Sr. José Sarney, Presidente dessa "Nova República", que "amacia" pela frente, mas apunhá-la pela "Costa".

Benedito Machado

1-4-87

Benedito Machado